

DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Camila Pedro da Silva¹
Michele Campos Furlan²

RESUMO

O trabalho diz respeito a leitura e a escrita na sala de aula da alfabetização, como atender as necessidades dos alunos em relação ao desenvolvimento de suas habilidades e competências nos campos de leitura e da escrita, desenvolvendo no educando a capacidade de realizar trabalhos escritos, associação de ideias, clareza, coesão e coerência, fazer do aluno um indivíduo apto a decidir sobre suas escolhas, necessidades cotidianas e outros, envolver a escola em projetos que estimulem o gosto da leitura e escrita. Esta pesquisa tem como objetivo, analisar os desafios e as possibilidades do ensino-aprendizagem da leitura e da escrita durante as séries iniciais, fazer um breve levantamento sobre o assunto, entender a diferença entre alfabetização e letramento e relacionar as práticas pedagógicas de leitura e de escrita que colaborem para o letramento. Este trabalho foi baseado nos seguintes autores CAGLIARI (2007) (2002) e (1998), SOARES (2003), TEBEROSKI (1999), PEREZ (1992) MENDONÇA (2007) KLEIMAN (1995) (2001) e (2007), FREITAG (1998), VYGOTSKY (2000) e dentre outros. Foi realizado também pesquisas na internet, e teve-se como base o site do MEC, IBGE e os PCN's. Tendo em vista que é uma ferramenta fundamental nas escolas, a leitura e a escrita é de suma importância para a formação dos alunos, pois, estes sairão das escolas aptos a desenvolver a criticidade, autonomia, e ampliando a capacidade de se interagir e se expressar melhor, assim tornando-se capaz de aprender com as diversidades e a pensar por si próprio.

Palavras-chave: Leitura e Escrita; Alfabetização; Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The work concerns reading and writing in the classroom of literacy, how to meet the needs of students in relation to the development of their skills and competences in the fields of reading and writing, developing in the student the ability to perform written work, association of ideas, clarity, cohesion and coherence, make the student an individual able to decide on their choices, everyday needs and others, involve the school in projects that stimulate the taste of reading and writing. This research aims to analyze the challenges and possibilities of teaching and learning of reading and writing during the initial series, to make a brief survey about the

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade do Vale do Juruena – AJES/MT, bolsista do FIES – AJES. camilaps_98@hotmail.com

² Graduada em Letras pela Unicesumar. Mestre e Doutora em Letras (2018), área de concentração Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS. E-mail: michele-furlan@hotmail.com

subject, to understand the difference between literacy and literacy, and to relate the pedagogical practices of reading and writing. Writing that collaborate for literacy. This work was based on the following authors CAGLIARI (2007) and (1998), SOARES (2003), TEBEROSKI (1999), PEREZ (1992) MENDONÇA (2007) KLEIMAN (1995) (2001) and (2007), FREITAG (1998), Vygotsky (2000) and others. Internet surveys were also carried out, and the MEC website, IBGE and PCN's were used as a basis. Since it is a fundamental tool in schools, reading and writing are of paramount importance for the formation of students, as they will leave schools capable of developing criticality, autonomy, and increasing the capacity to interact and express themselves better, thus becoming able to learn from diversities and to think for oneself.

Keywords: Reading and Writing; Literacy; Teaching-learning

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a fazer um estudo sobre a leitura e a escrita na sala de aula da alfabetização, como atender as necessidades dos alunos em relação ao desenvolvimento de suas habilidades e competências nos campos de leitura e da escrita, desenvolver no educando a capacidade de realizar trabalhos escritos, associação de ideias, clareza, coesão e coerência, fazer do aluno um indivíduo apto a decidir sobre suas escolhas, necessidades cotidianas e outros, envolver a escola em projetos que estimulem o gosto da leitura e escrita, para a formação de bons leitores, são funções do professor para conseguir alfabetizar e letrar seus alunos.

Para tanto, estabelece-se como objetivo geral analisar os desafios e as possibilidades do ensino-aprendizagem de leitura e escrita durante as séries iniciais. Como objetivos específicos, tem-se: fazer um levantamento bibliográfico sobre o assunto; entender a diferença entre alfabetização e letramento; relacionar práticas de leitura e escrita que colaborem para o letramento.

Como metodologia, do presente trabalho é uma revisão bibliográfica com base em alguns autores, tais como CAGLIARI (2007) (2002) e (1998), SOARES (2003), TEBEROSKI (1999), PEREZ (1992) MENDONÇA (2007) KLEIMAN (1995) (2001) e (2007), FREITAG (1998), VYGOTSKY (2000) e dentre outros, que para este trabalho tem uma grande importância, pois pode-se discutir e analisar o desenvolvimento da leitura e da escrita como principal abordagem.

Para a análise da pesquisa, foram observadas, por meio da revisão bibliográfica, quais eram as dificuldades mais comuns encontradas nas escolas em relação ao ensino da escrita e da leitura, sendo destacadas as possibilidades de como tentar minimizar esses problemas, através de atividades que envolvam o desenvolvimento dessas habilidades.

Os caminhos percorridos para que se pudesse desenvolver esta pesquisa, começaram a partir do ensino da leitura e da escrita na educação fundamental I, os desafios e as possibilidades que são encontradas pelos professores durante esse período escolar, sabendo que é de total importância tratar desse assunto porque reflete nos futuros conhecimentos adquiridos pelos alunos, sejam eles: cultura, autonomia, criticidade e dentre vários outros aspectos. A criança que tem um grande convívio com a prática da leitura e da escrita, certamente, quando iniciar sua vida escolar, já trará uma pequena bagagem com relação as rotinas escolares, estará iniciando seu letramento.

Dessa forma, estabelece-se como problemas de pesquisa: quais dificuldades encontradas em sala de aula que dificultam os alunos a aprenderem a ler e a escrever? Quais as razões de encontramos alunos tão desmotivados com a escola, de um modo geral e com a leitura e escrita de um modo particular? Por que encontramos pedagogos e pedagogas despreparados para exercer a sua profissão?

Não é preciso ser um aluno de Pedagogia, aliás, não é preciso ter um grande saber acadêmico para refletir sobre as muitas dificuldades vividas pela educação, uma vez que uma grande parcela de alunos está chegando ao Ensino Médio e Ensino Superior sem saber ler. Efetivamente nas escolas falta incentivo para a construção do hábito da leitura e da escrita; essa motivação deverá ser promovida pelos professores, coordenadores, diretores, pais em relação as crianças, fomentando, à medida de sua progressão, sua motivação.

É necessário que o professor desenvolva metodologias adequadas, para ensinar a ler e a escrever, levando em consideração aquilo que o aluno já traz para sala de aula, considerando-se suas facilidades e suas dificuldades. Este trabalho abrangerá teorias propostas por alguns pensadores, confrontando-as com as experiências vivenciadas nas escolas, justamente no sentido de compreender este fosso, esta dicotomia entre a teoria e a prática que acima evidenciamos.

1 ASPECTOS TEÓRICOS DO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA

O processo do ensino da leitura e da escrita no ensino fundamental, ou alfabetização, passou a ter início no Brasil a partir do século XX, e nesse processo histórico existe controvérsias, pois desde o final do século XIX, existe um grande debate sobre disputas relacionadas sobre as explicações para este ensino diante das dificuldades que se encontravam principalmente nas escolas públicas (MORTATTI, 2006).

Nas escolas públicas ensinar a ler e escrever era um dos grandes desafios das escolas, porém, visavam enfrentar velhos problemas e auxiliar a controlar os novos que iam surgindo, pois em volta dos métodos de alfabetização encontrava-se vários aspectos que levariam a construção do saber ler e escrever. A partir da proclamação da república no final do século XIX, a educação passou a ter mais conhecimento e só assim que o habito de desenvolver a leitura e a escrita passou a ser um elemento muito importante e obrigatório (MORTATTI, 2006).

Conforme Cagliari (2007), a escrita se divide em três etapas, ou seja, um conjunto de fases distintas: são elas, a pictórica³, a ideográfica e a alfabética. A pictórica são as que representam um símbolo e que aparece muito nas histórias em quadrinhos. A fase seguinte é a ideográfica que é definida por desenhos ou figuras representadas em objetos que com o passar dos anos, essas representações começaram a se tornar algumas palavras do alfabeto, e por fim, a última fase que é a alfabética que é caracterizada pelo uso das letras.

Para Barbosa, (1994) a escrita constitui-se num sistema de intercomunicação humana por meios de signos convencionais visíveis, visuais. E com o passar dos tempos, a escrita foi se modificando e seus instrumentos para escrevê-la também mudaram, ou seja, desde os pincéis, lápis e canetas até chegarem às teclas dos computadores. Diante da evolução tecnológica, as técnicas de alfabetização também se modificaram.

Sabe-se que a leitura e a escrita constituem-se como os elementos mais importantes durante o período de escolarização da criança, pois pode ajudar a contribuir para um domínio próprio de pensamentos mais elaborados e críticos, levando-os assim a serem mais autônomos. Entretanto, uma das maiores dificuldades que as escolas enfrentam hoje em dia é

³ Pictórica é o que se distingue a escrita em desenhos, imagens e símbolos, ou seja, tudo aquilo que pode ser transmitido através de imagens, tais como expressar alegrias, sentimentos, ideias e necessidades. (VAZ, 2008)

o mau desenvolvimento da leitura e a escrita, na maioria das vezes, por falta de oportunidades ou até mesmo por falta de um ambiente adequado para a sua realização.

Mendonça (2007) afirma que, durante várias décadas, as escolas alfabetizavam seus alunos por meios de cartilhas, hoje em dia, com a evolução do conhecimento sobre alfabetizar, pode-se afirmar que a metodologia das cartilhas tornou-se insuficiente para satisfazer as necessidades e exigências que a sociedade atual requer. Desta forma, não é satisfatório somente saber codificar e decodificar as palavras, se faz necessário saber se expressar e interpretar o mundo por meio de textos.

De acordo com o MEC (2006), sabendo que hoje em dia a tecnologia está altamente avançada, as escolas devem estar sempre equipadas com computadores e acesso à internet para que todos os alunos possam participar de projetos educativos, principalmente no que diz respeito a aprendizagem da escrita e da leitura.

Ao falarmos de leitura pode-se afirmar que ela é um processo de construção, ou seja, é aquilo que dá significado para o texto. E esse desenvolvimento começa a aparecer com o tempo, continuamente, com diferentes objetivos e formas, dando sentido para que o aluno escreva de forma sucinta e com clareza, ressaltando-se que ela é a uma das bases do ensino-aprendizagem e que saber reconhecer aos gêneros textuais e identificar suas características é fundamental para a compreensão. Lembrando que é de suma importância que os alunos tenham incentivo de pessoas já leitoras, para que então possam ainda mais ampliar seus interesses pelo ato de ler. Obviamente, não é papel somente da escola incentivar seus alunos ao hábito de ler e escrever, a família tem papel crucial no desenvolvimento humano de seus filhos e o professor como mediador tem como função ampliar esses interesses (SANTOS, 2004).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) leitura é:

[...] É um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê. (PCNs, 1997, p. 53)

Em relação a metodologia de ensino de ler e escrever, se faz necessário que se tenha uma atenção a mais, deve também conter apresentação dos livros clássicos de literatura

infantil e através destas apresentações dialogar com os alunos, questionar sobre o que foi discutido e também estabelecer uma relação entre as imagens dos textos com os alunos, ou seja ir apontando as imagens e assim ir atribuindo sentido ao livro. Vale destacar que, para que seja realizado um bom processo de desenvolvimento de leitura é considerável que os educandos saiam da escola com o intuito de saber ser crítico e autônomo, incentivar os alunos ao hábito de ler para que os mesmos possam compreender a ideia do outro (RAUEN, 2007).

Na alfabetização, o Livro Didático começou a ser ofertado para os professores no século XX, para que assim o docente pudesse entender o conteúdo e planejar a sua aula através do livro didático e, no final do mesmo século os alunos também passaram a ser contemplado com esses livros. No Brasil durante a primeira metade do século XX houve uma série de decretos – lei governamentais que visavam a uma função de controle político e não propriamente didática dos manuais escolares. Esse processo de construção de medidas para programas dos livros didáticos não permitia a participação de outros setores da sociedade, tais como partidos, sindicatos, associações, pais, mestres e alunos (FREITAG et al, 1989).

Segundo Oliveira (1997)

No século XIX, o livro didático surgiu como um adicional à Bíblia, até então, o único livro aceito pelas comunidades e usado nas escolas. Somente por volta de 1847, os livros didáticos passaram a assumir um papel de grande importância na aprendizagem e na política educacional. Os primeiros livros didáticos, escritos sobretudo para os alunos das escolas de elite, procuram complementar os ensinamentos não disponíveis nos Livros Sagrados. (OLIVEIRA et al, 1997, p. 26)

Além de que o livro didático hoje em dia é de suma importância pois é o LD que constitui um método, ou seja, torna-se um guia tanto para os professores quanto para os alunos. Na alfabetização a utilização do LD ainda continua escassa, ou seja, algumas escolas ainda não aderiram a este ensino escolhendo assim utilizar-se do método no qual o professor leva todo dia uma atividade diferente para que os alunos possam estar desenvolvendo em sala.

Soares (2005) dizia que:

O livro didático pode representar o portador, e pode das sugestões ao professor para explorar o gênero, o texto, pode propor atividades com gênero, textos e palavras que nele apareçam. Naturalmente, é importante que também os portadores, textos e gêneros reais estejam presentes na sala de aula – livros, jornais, revistas, cartazes, anúncios (SOARES, 2005)

Retomando ao assunto do surgimento da leitura e da escrita, foi possível observar durante as pesquisas bibliográficas que com o passar nos anos, este ensino foi se aperfeiçoando cada vez mais e que durante esse período de tempo esses ensinamentos passaram a ter mais qualidade, ou seja, no método de ensino. Porém com o avanço desses métodos foi possível crescer também os distúrbios de ensino aprendizagem, no qual a criança passa a sentir dificuldades no momento de aprender a ler e escrever, e com isso levando-os a ter inúmeras crianças a terminarem a alfabetização sem saber interpretar.

Um número muito elevado de crianças tem sido apontado como apresentando dificuldades no processo de aprendizagem, principalmente da língua escrita (ZORZI, 2000). Segundo pesquisas realizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, mostram que entre 2009 e 2010, 25% das crianças terminaram a 4ª série, analfabetas; 53% aprenderam o que era então considerado esperado pelo currículo; apenas 29% dos jovens que concluíram o ensino médio sabiam português, e 11% tinham conhecimento primário em matemática, outra pesquisa mais recente aponta que a taxa de analfabetismo no país ficou estagnada entre 2016 e 2017, mostrou a pesquisa realizada pelo IBGE. O Brasil encerrou o ano passado com 11,5 milhões de analfabetos, 300 mil a menos do que tinha em 2017. Segundo o G1, o percentual de pessoas de 15 anos ou mais que não sabia ler ou escrever ao final de 2017 era de 7%, contra taxa de 7,2% um ano antes. Apesar da pequena queda, estatisticamente o movimento é de estabilidade.

As escolas em meio a essas informações precisa incentivar ainda mais os professores e os alunos, promovendo atividades que irão contribuir para melhorar o ensino. O letramento hoje em dia é de suma importância para o desenvolvimento crítico e autônomo da criança, ele torna-se um ponto essencial nesse ensino. A escola, por sua vez, deve propiciar momentos no qual o aluno sintam-se motivado a querer aprender. Ao final, ao realizar um diagnóstico na sala de aula é necessário que o professor tenha discernimento entre uma dificuldade de aprendizagem natural e uma dificuldade de aprendizagem recorrente. Todo novo conhecimento, por sua natureza, gera uma transitoriedade entre o aprender e o não-aprender, isto é, um novo conteúdo ensinado nem sempre será instantaneamente aprendido, há um tempo necessário para que ele seja devidamente assimilado e na medida em que ocorre a assimilação, posteriormente vem a acomodação, que é quando a aprendizagem é consolidada, isto é, a criança se apropria, torna seu o conhecimento que vem a partir do outro na maioria das situações, via professor. Portanto, o professor precisa dar um tempo para que o aluno possa mostrar o que foi possível aprender. (MOTA, et al, 2010)

2 LETRAMENTO E ESCOLA

Para começar a falar sobre letramento é preciso que se faça uma pequena explicação sobre o que é, e qual o seu significado para a sociedade. Também conhecido como Literacia⁴ e se designa pelo ato de saber ler e escrever, ou pode ser considerado como uma condição ou estado em que é adquirido ao um indivíduo a consequência de saber e ler escrever. (MACEDO, 2003).

De acordo com Soares (2003) letramento é o estado ou condição em que vive o indivíduo que não só sabe decodificar e codificar letras e sons, mas exercer as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive como exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita, fato que possibilita uma maior interação entre sujeito e conhecimento. Apropriar-se dessa concepção de letramento enquanto ação pedagógica é transportar as estratégias de ensino aos gêneros discursivos vivenciados pelos educandos em seus vários espaços culturais. Nessa perspectiva, adotada nesse estudo, a escola deve ser uma agência promotora de eventos que estimulem a capacidade de interpretações de textos, que aproximam-se da escrita, que se ensina nesse espaço, daquela utilizada em outros contextos. Kleiman (1995) ainda chama atenção para existência de “agências de letramento” e diz que estas agências devem ser respeitadas e valorizadas cada uma no seu devido contexto e com o seu devido grau de valor e contribuição na formação do cidadão letrado, pois todas, juntas, é que são capazes de gerar a interpretação completa no indivíduo. A escola, por sinal, a mais importante agência de letramento.

Segundo Kleiman (2001) e Soares (1998) no Brasil, esse novo enfoque teórico, que privilegia as práticas sociais de uso da leitura e da escrita, em contraposição ao enfoque tradicional dos estudos sobre a aprendizagem de habilidades supostamente neutras, vem sendo marcado pelo emprego do termo “letramento”. De fato, é esse o termo mais adotado no ambiente acadêmico e educacional brasileiro como correspondente ao literacy do inglês, seja para designar propostas pedagógicas que privilegiam a aprendizagem da escrita em contextos de uso, como no campo da pesquisa, principalmente nas de cunho etnográfico ou qualitativo de forma geral, mas também nas de cunho avaliativo e de grande escala.

Soares (1998) aponta que:

⁴ Literacia é a capacidade de saber ler e escrever, é quem usa a leitura e a escrita como uma ferramenta de adquirir conhecimentos, desenvolver as próprias habilidades e participar abertamente na sociedade. (OLIVEIRA, 2018)

O Letramento é, de certa forma, uma ampliação da alfabetização, pois consiste em práticas de leitura e escrita, que vão além da alfabetização funcional, em que indivíduos são alfabetizados, mas não sabem fazer uso da leitura e da escrita; muitos não têm habilidade sequer para preencher um requerimento. (SOARES, 1998)

Porém, nem todas as pessoas alfabetizadas são letradas, ou seja, a pessoa sabe ler e escrever, mas sente uma grande dificuldade na hora da interpretação de textos. Ela decodifica o código linguístico, mas não consegue utiliza-lo socialmente. Por outro modo, pode ser que uma pessoa analfabeta seja inteiramente letrada, como quando seguem manuais de instruções, pegam o ônibus certo, etc, convivem com a pratica social da escrita. Assim, faz-se necessário não somente saber ler e escrever, mas fazer uso dessas competências. E esse é o papel do professor e da escola: proporcionar ampliações no processo de ensino-aprendizagem dos alunos se tornando alfabetizados e letrados.

Soares (2004) dizia que:

[...] o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado. (SOARES, 2004)

Nas escolas, o processo de letramento se constitui em um conjunto de práticas sócio educativas de leitura e de escrita e, que trará uma definição à situação de ensinar, aprender e de também manter uma boa relação com a comunidade escolar. Cabe a escola proporcionar atividades que incentivem a criança a desenvolver a expressão oral e a escrita, para que quando chegar ao final da escolarização os alunos sejam capazes de expressar com clareza e segurança um pensamento crítico e autônomo.

Dizem os PCNs do Ensino Fundamental II que:

A escola deverá organizar um conjunto de atividades que possibilitem ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção de texto e a leitura, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical. (PCNs, 1997, p. 49)

De acordo com Rojo (2009) um dos principais objetivos da escola é que seus alunos possam compartilhar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita, de modo ético, crítico e democrático. Ainda assim, se faz necessário que as escolas ofertem o

letramento no ensino fundamental I, desenvolvendo atividades pedagógicas que envolvam temas que realmente sejam relevantes para o seu conhecimento. De acordo com Dolz; Schneuwly (2004) a escola, deve prepará-los para dominar a língua em situações variadas, fornecendo-lhes instrumentos eficazes; desenvolver nos alunos uma relação com o comportamento discursivo consciente e voluntária, favorecendo estratégias de autorregulação; ajudá-los a construir uma representação das atividades de escrita e de fala em situações complexas, como produto de um trabalho e de uma lenta elaboração.

No Brasil, o processo de alfabetização teve início com os padres jesuíta, os quais catequisavam/ensinavam a ler escrever. Desde que chegaram no Brasil, os jesuítas estabeleceram escolas que pudessem catequisar os indígenas e os filhos dos colonos. De início, a missão dos jesuítas eram as confissões, pregação e a catequização, somente aos poucos que a educação foi sendo introduzida e ter mais importância. A alfabetização foi conceituada como o início de um processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita, ou seja, uma pessoa alfabetizada é aquela que sabe fazer uso das habilidades básicas da leitura e da escrita.

Para Val (2006):

Pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras e outras convenções usadas para representá-la, a pauta, na escrita. (VAL, 2006, p. 19)

Já para Perez (1992) a alfabetização

É um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola paralelamente à escola. (PEREZ, 1992, p. 66)

Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam ainda que a alfabetização tem início muito antes da criança começar um período escolar. Sendo assim, a partir dessas ideias é possível afirmar que a alfabetização é um processo de ensino aprendizagem que sucede antes, durante e depois do período escolar, quer dizer que a alfabetização também acontece fora do ambiente escolar,

sabendo então que a alfabetização é o ato de que a pessoa adquira as habilidades de leitura e escrita.

Logo ao se tratar alfabetização, quando um docente quer alfabetizar seus alunos, se utiliza de métodos. Esses métodos, devem ser trabalhados de acordo com a realidade em que o educando se encontra, elaborando atividades lúdicas e criativas. Mas, o que é o método? Método é uma maneira de como o professor deve aplicar e direcionar suas aulas. Correa e Salch (2007) explicam que, “A palavra método tem origem grega e diz respeito a caminho para chegar a um objetivo. Num sentido mais geral, refere-se a modo de agir, maneira de proceder, em sentido específico, refere-se a planejamento de uma série de operações que se devem efetivar. (CORREA; SALCH, 2007, p. 10)

Os métodos de alfabetização surgiram da necessidade de saber como ocorre o processo e ensino-aprendizagem da leitura e escrita e, assim foram surgindo os métodos. Sabe-se ainda que o processo de ensino-aprendizagem é algo natural, sobretudo para aqueles que estão inseridos no ambiente escolar, entretanto, muitas crianças ainda sentem dificuldades de compreender o processo de ensino da leitura e da escrita.

Fonseca (1995) diz que a dificuldade de aprendizagem em termo geral refere a um grupo heterogêneo de desordens, manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura e da escrita e do raciocínio matemático. A escola é o ambiente onde a criança tem a oportunidade de se desenvolver fisicamente e intelectualmente, pois é no contexto escolar que a criança aprender a conviver e a respeitar as diferenças, como também, ampliar conhecimentos através do contato com a diversidade cultural, social e com uma variedade de materiais concretos, para fazer bom uso da leitura e da escrita, como, livros, gibis, cadernos, mural de leitura, revistas, jornais, dicionários, textos diversos, entre outros.

Vygotsky (2000), expressa que o professor deve ser um mediador, entre o objeto de conhecimento “a língua escrita” e o aprendiz, estabelecendo um canal de comunicação entre esses dois pilares. E nessa mediação, a ação do professor é de grande importância para o desenvolvimento das habilidades dos alunos na leitura e escrita, pois, se o professor permite e motiva a criança a vivenciar diversas ações de leitura e escrita sem medo, ele estará ajudando há avançar no processo de aquisição da escrita.

Para Cagliari (1998):

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem desenvolvendo a sua interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá o professor de encaminhar de forma produtiva o processo de aprendizagem. (CAGLIARI, 1998, p. 89.)

Existe uma relação entre a alfabetização e o letramento, e os entendimentos desses conceitos são de total importância, porém, temos que saber que alfabetizar não é letrar, e que a alfabetização é o processo metódico de aquisição do sistema alfabético e letramento são as práticas sociais de leitura e escrita nos diferentes contextos e com finalidades específicas (MORAIS, p. 03)

Portanto, a alfabetização na perspectiva do letramento deve evidenciar a importância do trabalho com os diversos gêneros textuais, com base nos diferentes suportes de leitura, tendo em vista proporcionar ao aluno a percepção das múltiplas formas de utilização da escrita para diferentes finalidades, a partir das situações de letramento presentes no cotidiano do aluno, uma vez que os textos apresentam situações comunicativas diferenciadas, possibilitando ao aluno compreender que a estrutura e a organização do texto estão relacionadas à função discursiva que exercem nas práticas cotidianas da realidade circundante, ou seja, uma carta, uma receita culinária, uma bula, um anúncio de jornal, um bilhete, um folheto informativo, dentre outros suportes textuais. (MORAIS, p.05)

A escola deve oferecer situações em que o desenvolvimento nas habilidades da leitura e da escrita seja bem instruído e considerando a língua padrão como um dos mais diversos meios de comunicação. Nesse sentido, a escola carece de respeitar a história do letramento e a variação linguística do aluno no processo de ensino aprendizagem, sabendo que são processos de grande relevância para o aprendizado do aluno. Moraes (1998) a escola é a instituição social responsável pela transmissão convencional do sistema alfabético, cujo conteúdo é sistematizado com base na língua culta ditada pela cultura dominante que sufoca as diferentes maneiras de comunicação que não estejam de acordo com a norma padrão.

Entretanto, por mais que a escola seja responsável pelo desenvolvimento das habilidades da escrita e da leitura, o objetivo nem sempre é alcançado, ou seja, são grandes os desafios e as dificuldades durante o período de alfabetização e por todo o ensino, porém, ainda assim é possível dizer que também são inúmeros os métodos e possibilidades de ensino-

aprendizagem dos alunos, cabe ao professor, e a comunidade escolar em geral contribuir para que os alunos tenham um bom desenvolvimento.

3 OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DE SE TRABALHAR COM O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NA ENSINO FUNDAMENTAL I

Durante a alfabetização é possível afirmar que há inúmeros desafios e dificuldades de ensino aprendizagem dos alunos, inclusive no ensino da leitura e da escrita. É preciso salientar ainda que são processos distintos, mas complementares entre si. A leitura é vista em sua concepção restrita não viciada pelo tradicionalismo como um processo de decodificação de representações indicadas por sinais e sons, ou seja, ler é um ato de decifrar códigos (letras) e unidades em sequência sonoras (palavras) determinando frases ou textos lógicos. Quando posta em paralelo com a escrita, a leitura perde esse teor de simples decifração dos signos linguísticos e “mergulha” em um mundo de abstrações, de onde mais tarde emerge textos que são a expressão do aprendizado do educando (FAULSTICH, 2000, p. 44)

A escola deve instruir a criança a se tornar um cidadão crítico, que saiba ler e interpretar o que leu, em seguida, adquirindo opiniões próprias sobre determinados assuntos. Para que isso seja possível, é necessário que a comunidade escolar esteja sempre promovendo eventos ou atividades que auxiliarão no desenvolvimento das habilidades de ler e escrever corretamente, a começar por leituras de livros de contos infantis, mantendo sempre uma relação entre livro e imagem. Elaborar atividades que trabalhe com a imaginação, produção de textos e a oralidade.

Para os Parâmetros Curriculares Nacional - PCN's (1997):

A leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. (PCNs, 1997, p. 66)

O professor alfabetizador é aquele que procura ensinar a leitura e a escrita de diferentes possibilidades para seus alunos, seja em poemas, livros, notícias, imagem, sons, gestos e dentre outras mais. Assim, o professor poderá contribuir para o aperfeiçoamento da interpretação e estabelecer significados dos diferentes textos, criando experiências, e

diversificando também a maneira de ler e escrever. Cria-se, assim, uma geração de leitores capazes de reconhecer as múltiplas formas de linguagem textual, sendo possível interpretar variados recursos tecnológicos, que são disponíveis para a comunicação humana, ou seja, tornando-se cidadãos letrados (LERNER, 2002).

É fato que para o ensino-aprendizagem das crianças é preciso de motivação. Portanto, são válidas todas as atividades propostas que saiam do ambiente em sala de aula, como visitas a parques, praças, biblioteca, e bosques e são ideias que devem ser utilizadas com frequências, pois, são os lugares diferentes e as aulas dinâmicas que fazem com que o interesse do aluno cresça. O professor deve oferecer aos seus alunos diferentes tipos de textos, porque estes exigem que os educandos trabalhem as habilidades que lhe foram cabidas durante o período escolar. É importante salientar que cada leitura pode ser realizada de forma diferente: oral, silenciosa, visual, auditiva e, para o bom desenvolvimento, é necessário que haja um ambiente agradável e iluminado (ALVES, 2005).

Bordini (2003) fala que não é somente papel da escola motivar a criança no incentivo à leitura e a escrita. E é de grande importância que, para o crescimento e a construção de cidadania, esse incentivo deve partir da família e de outras instâncias da sociedade, mas cabe lembrar que a escola é o local adequado para ensinar, sistematizar, e desenvolver os conhecimentos, sabendo que é nela onde todos devem depositar suas esperanças de transformação social.

De acordo com Silva (2014) ler e escrever são atividades que envolvem a reflexão, o raciocínio e a experimentação. Portanto, formar leitores é algo que requer cuidado, atenção e condições favoráveis para a prática de leitura e escrita. Deve ter como meta a formação de leitores que sejam capazes de redigir textos coerentes, coesos e adequados, pessoas capazes de argumentar com clareza e serem autônomos. O objetivo da língua materna é desenvolver a capacidade da oralidade e do domínio da escrita, cabe à escola aperfeiçoar esse trabalho através de atividades que busquem o desenvolvimento dessas habilidades.

Silva (2014) afirma que, de acordo com o nível de desenvolvimento cognitivo da criança, o professor deve organizar atividades individuais e até mesmo em grupos para haver interação entre os alunos. Partindo do pressuposto de que leitura é o veículo básico e essencial para inserção do indivíduo no universo letrado, e afirma-se que esta deve se desenvolver através da interação prazerosa do leitor com o texto. Procedendo assim, o educador passará de transmissor a mediador, e o ato de ler deixará de ser um processo mecânico de decodificação,

transformando-se numa atividade valorosa enquanto pratica dinâmica, socialmente construída e geradora de prazer.

Porém, nesse contexto, pode-se observar que as dificuldades de aprendizagem podem ir se intensificando. Os índices do INEP mostram que muitos alunos não estão no nível de leitura e escrita desejáveis para sua idade escolar, um levantamento do Ministério da Educação mostra que, nas escolas públicas, 54,7% das crianças do 3º ano do Ensino Fundamental têm um nível inadequado de alfabetização. Os dados fazem parte da ANA (Avaliação Nacional de Alfabetização), feita pelo Inep, cerca de 2,2 milhões de estudantes de 48 mil escolas foram avaliados em novembro de 2016, apesar do resultado ruim, houve uma evolução na comparação com 2014, quando o levantamento mostrou 56,2% dos alunos com nível inadequado de leitura. Em relação a escrita 33,95% dos estudantes apresentaram proficiência insuficiente e 66,15% tiveram níveis adequados.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)

Ler é uma atividade complexa que faz amplas solicitações ao intelecto e às habilidades cognitivas superiores da mente: reconhecer, identificar, agrupar, associar, relacionar, generalizar, abstrair, comparar, deduzir, inferir, hierarquizar. Não está em pauta apenas a simples decodificação, mas a apreensão de informações explícitas e implícitas e de sentidos subjacentes, e a construção de sentidos que dependem de conhecimentos prévios a respeito da língua, dos gêneros, das práticas sociais de interação, dos estilos, das diversas formas de organização textual. [...] Os testes de Língua Portuguesa do Saeb, cujo foco é a leitura, têm por objetivo verificar se os alunos são capazes de apreender o texto como construção de conhecimento em diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação. A alternativa por esse foco parte da proposição de que, “ser competente no uso da língua significa saber interagir, por meio de textos, em qualquer situação de comunicação. (INEP, 1997, p. 53)

A aprendizagem é um desafio para muitos jovens, todavia isso não significa que os alunos tenham dificuldades de aprendizagem, mas sim pontos positivos e negativos, afinal cada educando possui características diferente em relação ao outro. No entanto, na escola, espera-se que todos aprendam do mesmo modo, já que muitos educadores costumam ensinar utilizando sempre o mesmo método sempre, acontece que cada aluno tem seu tempo para aprender e, é esse um dos fatores que afetam no ensino-aprendizagem das crianças. Muitos estudiosos porém, afirmam que na sala de aula os problemas de aprendizagem podem ser superados com paciência e dedicação, por parte dos docentes e discentes, mas que as deficiências de aprendizagem exigem mais do que isso. (LIMA, et. al. 2017)

É fato que as dificuldades de aprendizagem não são ocasionadas somente pelos métodos de ensino, existem vários fatores que contribuem para essas dificuldades de ensino-aprendizagem. A falta de disciplina dos alunos, por exemplo, senão o mais difícil problema educacional, de acordo com Dayan (2008), a indisciplina é um dos maiores obstáculos que os educadores enfrentam hoje em dia, a falta de limites, interrupções das aulas, agitações são essas atitudes que atrapalham o desenvolvimento de qualidade da aula.

Diante dessa comprovação a escola deve ir em busca de ações pedagógicas e intervenções, que contribuem para a melhora dessas indisciplinas em sala. Segundo Benette e Costa (2008, p. 23) “A família é o berço do processo de ensino e aprendizagem de todo ser humano e nele o aprendiz está sujeito a ser influenciado decisivamente sendo positiva ou negativa. A escola terá alunos com experiências positivas e negativas gerando uma diversidade na escola.” Apesar disso, a família e a escola são instituições que estão unidas no desenvolvimento do aluno, sendo assim, devem intervir de maneira positiva, buscando os pontos mais essenciais para essa construção.

Outro fator que acarreta para essas dificuldades de aprendizagem, diz respeito aos baixos salários, a sobrecarga dos professores em relação as aulas, que na maioria das vezes procuram lecionar também em outro período para conseguir uma renda mais digna, e com isso, os educadores ficam sobrecarregados demais, levando-os a ficarem desanimados e desinteressados com a profissão. Necessariamente, se os professores se sentem desmotivados sua produtividade escolar e a qualidade de seu trabalho irão diminuir, acarretando falhas na produtividade e, por consequência atingindo no ensino-aprendizagem dos alunos (SILVA, 2012).

Barbosa (2011) afirma que muitos professores deixam a sala de aula em busca de novos empregos ou até mesmo de novos cargos dentro da própria escola, onde a remuneração e o reconhecimento são mais valorizados. Entretanto, não são todos que buscam por isso, alguns educadores procuram exercer a profissão com dedicação, amor e cuidado, buscando nos materiais didáticos sempre novos meios de ensino, flexibilidades, etc (SILVA, 2012).

Para Oliveira (1996) as dificuldades de aprendizagem são multideterminadas, isto é, possuem uma associação de causas e podem estar relacionadas à escola como consequência de currículos inadequados, de um sistema de avaliação falho, do método e da própria relação com o professor, assim como a falta de estímulo dos professores, alunos trabalhando com material didático desatualizado e desprovido de significado, salas de aula com um número

grande de alunos, crianças com diferenças culturais, sociais, econômicas, bem como seu nível de maturidade. Indo mais além, em relação ao aluno, problemas de ordem neurológica, fisiológica, de visão, falta de trocas e interação entre pais e filhos, perturbação afetiva e emocional.

Os materiais didáticos são de uso contínuo do professor, propiciando trabalhar o ensino-aprendizagem dos alunos, esses recursos devem servir como incentivo, facilitando a compreensão do aluno em relação ao conteúdo proposto. Segundo Souza (2007), utilizar recursos didáticos no processo de ensino - aprendizagem é importante para que o aluno assimile o conteúdo trabalhado, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora e habilidade ao manusear objetos diversos que poderão ser usados pelo professor na aplicação de suas aulas. Porém, resultar no que se chama, “inversão didática”, isso acontece quando o material utilizado passa a ser visto como algo por si mesmo e não como instrumento que auxilia o processo de ensino e de aprendizagem, ou até mesmo as faltas de materiais didáticos afetam no desenvolvimento de ensino-aprendizagem dos alunos.

Ao falar-se de dificuldades no ensino-aprendizagem, é possível destacar que os métodos tradicionais também são uns dos fatores que contribuem para esse mau desenvolvimento. Visto que o método tradicional era centrado somente no professor e o aluno como um simples indivíduo passivo durante a construção do conhecimento, ou seja, o professor tinha como objetivo somente formar o aluno ideal, sem pensar nos seus interesses ou conhecimentos já existentes. Se tornando então indivíduos rotulados, onde as oportunidades de desenvolvimento de suas habilidades eram reduzidas, e assim, a criança era vista como seres incapazes de gerar conhecimentos próprios. Com o passar dos anos, esses métodos foram se modificando e hoje nas escolas são trabalhados os métodos construtivistas, onde o foco maior é o ensino-aprendizagem dos alunos, onde os educadores devem incentivar seus alunos a pesquisarem, fazerem interpretações, dialogar, garantindo que todos os alunos desenvolvam suas capacidades promovendo condições de contribuir para a transformação da criança (LEMES e ALEXANDRE, 2006)

Scoz (2011) relata que os problemas de aprendizagem:

Não são restringíveis nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análise das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos/sociais e pedagógicos percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta por transformação da sociedade. (SCOZ, 2011, p. 20)

Por fim, nesta perspectiva, é preciso que haja algumas mudanças no momento de ensinar, ou seja, construir oportunidades de se trabalhar com mais dinâmicas, flexibilidades e diálogos entre professor-aluno. É importante que o professor saiba trabalhar com a diversidade, e utilizar-se de métodos corretos para que seus objetivos sejam almeçados com sucesso. Para que esse sucesso seja alcançado é preciso fazer jus a profissão, buscando sempre novos métodos, informações, flexibilidades e dinamismo de modo que possamos contribuir com o crescimento crítico de nossas crianças, e assim saírem do ambiente escolar cidadãos do bem, aptos a fazerem suas próprias opiniões e conclusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho aborda o desenvolvimento da leitura e da escrita na alfabetização, discorre sobre a importância de se alfabetizar letrando, os desafios e as possibilidades que os educadores enfrentam em salas de aula durante o período escolar, e o que leva-os a ficarem tão desmotivados com a profissão, além de destacar sobre o que levam os alunos a sentirem com dificuldades no desenvolvimento do ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

Além de abordar a diferença entre a alfabetização e letramento. Embora alfabetizado, um indivíduo que sabe ler e escrever, necessariamente não é uma pessoa letrada, uma vez que para se tornar um ser letrado é preciso saber as implicações sociais da leitura e da escrita, ou seja, faz-se necessário compreender e interpretar aquilo que lhe foi aplicado.

Os principais resultados que foram obtidos a partir do decorrer do trabalho, onde foi realizado através de revisão literária, uma análise do porque os professores de um modo geral se sentem desmotivados para exercer a profissão, ou seja, a baixa remuneração, superlotação nas salas de aula, falta de recursos didáticos, os métodos de ensino e a indisciplina dos alunos, que geralmente afetam no desenvolvimento do ensino-aprendizagem dos alunos, fazendo-os que os alunos sintam-se também desmotivados e desinteressados com o desenvolver-se da leitura e da escrita, entre outros fatores. Apesar disso, encontra-se grandes possibilidades no desenvolvimento da leitura e da escrita, tais como o prazer por ensinar, buscando métodos pedagógicos flexíveis e dinâmicos, para que as crianças sintam-se motivadas a querer aprender, além de manter o incentivo ao hábito de ler e escrever.

Contudo, as formas de letramento são desenvolvidas através das habilidades de relacionar, associar e expressar. Para tanto, é de suma importância que os professores saibam quão importante é se alfabetizar letrando, de modo que possam sair da alfabetização já sabendo interpretar e expressar suas próprias opiniões.

Cada objetivo foi alcançado, desde da realização do levantamento bibliográfico, onde foi realizado pesquisas na internet, livros e sites que davam total relevância para essa pesquisa. Também ao buscar discorrer sobre a diferença entre alfabetização e letramento, foi possível observar o quão fundamental o papel da escola no momento do ensino-aprendizagem dos alunos e o quanto é importante é alfabetizar letrando, para que então a criança já seja inserida no contexto social e cultural. Considerando que as práticas de leitura e de escrita são essenciais para a formação do letramento, a comunidade escolar e o meio familiar, devem insistir no incentivo da leitura e da escrita para que quando saírem do ambiente escolar saibam se expressar e aptos para viver em sociedade.

Para tanto, cabe ressaltar que o ensino da leitura e da escrita é fundamental para a formação das crianças, e ao serem alfabetizados e letrados, saíam do âmbito escolar aptos a expressar suas próprias opiniões, capazes de aprender com a diversidade e com autonomia própria e previamente preparado para ingressar no mercado de trabalho. Lembrando que é fundamental que mantenham-se sempre incentivados e motivados a realizar hábitos da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

- ALVES. Rubem. **A alegria de Ensinar**. São Paulo: Papyrus, 2005.
- BARBOSA. José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. – São Paulo: Cortez, 1994. – 2. ed. rev. – (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor; v. 16)
- BARBOSA. A. **Os salários dos professores brasileiros: implicações para o trabalho docente**. 2011 208 f. Teses (Doutorado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Brasília/ DF: MEC, SEF, 1997.
- _____. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC-SEF, 1997.
- _____. Sef/Mec. **Parâmetros curriculares nacionais; língua portuguesa – 5ª. a 8ª. série**. Brasília: Sef/Mec, 1998.
- BENETTE. Tereza Sanchez. COSTA, Leila Pessoa da. **Indisciplina na sala de aula: algumas reflexões**. 2008.

BORDINI, M.G. e AGUIAR, V.T. **Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas**. 2.ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. – São Paulo: Scipione, 2002.

_____. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bo-Bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CORREA, Djane Antonucci, SALCH, Bailon de Oliveira e et. al. **Práticas de Letramento: Leitura, escrita e discurso**. 1. Ed. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

FAULSTICH, Enilde. L. de. **Como ler, entender e redigir um texto**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FONSECA, Vitor. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREITAG, B. et al. **O Livro Didático em Questão**. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1989.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Educação**. Disponível em:<www.ibge.gov.br/home/estatística/população>. Acesso em: 17 jun 2017.

KLEIMAN, Ângela B. (org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercados das letras, 1995.

_____. **Programas de educação de jovens e adultos e pesquisa acadêmica: a contribuição dos estudos do letramento**. Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 267–281, jul./dez. 2001.

_____. **Letramento e suas implicações para o ensino da língua materna**. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

LEMES, Rhodolfo Pereira. ALEXANDRE, Sebastião. **Os Fatores que interferem no processo de ensino e aprendizagem**. Brasília, 2006.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIMA, M. S. **As dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita e o seu contexto social**. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_socorrimha> Acesso em: 30 out. 2018.

LIMA, Maria do Socorro. SOUZA, Leandro Quaresma de. BEZERRA, Selma Moreno. **As dificuldades de Aprendizagem de Leitura e Escrita no Ensino Fundamental e o seu Contexto Escolar**. 2016.

MACEDO, Celina Ramos Arruda. **Uma reflexão sobre os conceitos: letramento, alfabetização e escolarização**. 2003.

MEC - Ministério da Educação. **Ensino e Aprendizagem da Leitura e da Escrita 2006**. Disponível em:<portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf>. Acesso em: 17 jun 2017.

MENDONÇA, Onaide Schwartz. **Alfabetização: método sociolinguístico: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire/ Olympio Correa Mendonça**. – São Paulo: Cortez, 2007.

MORAIS, Georgyanna Andréa Silva. **Alfabetizar letrando: desafios da prática pedagógica alfabetizadora**. Artigo de mestrado da Universidade Federal do Piauí.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização**. Brasília, 2006.

OLIVEIRA, João Batista Araújo et al. **A política do livro didático**. Campinas: UNICAMP, 1984

OLIVEIRA, Rosane Machado de. **Desenvolvimento da Leitura** Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/desenvolvimento-da-leitura>> Acesso em: 01 nov. 2018.

OLIVEIRA, Sueli Ap^a Correia. **A importância da leitura e da escrita**. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-leitura-e-escrita/158941>> Acesso em: 10 out. 2018.

OLIVEIRA, G. C. (1996). **Contribuições da psicomotricidade para a superação das dificuldades de aprendizagem**. In: SISTO, F.F. (et alli). *Atuação Psicopedagógico e Aprendizagem Escolar*. RJ: Vozes.

PEREZ, Carmen Lúcia Vidal. **O prazer de descobrir e conhecer**. IN: GARCIA, Regina Leite (org.). **Alfabetização dos alunos das classes populares, ainda um desafio**. São Paulo: Cortez, 1992. (Questões da nossa época: v.6)

RAUEN. Adriana Regina Feltrin. **Práticas Pedagógicas que estimulam a Leitura**. Paraná, 2007.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Ester Barbosa Cardoso. **Os desafios de se trabalhar a leitura e a escrita nas series iniciais do ensino fundamental**. Guaraf – TO, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SCOZ, Fermino Fernandez. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011

SOUZA. Rainer Gonçalves. **Jesuitas**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/jesuitas.htm>> Acesso em: 20 out. 2018.

SILVA, Daniella Neves. **Desmotivações dos professores em sala de aula**. Curitiba – PR, 2012.

SILVA, Mônica Maria Medeiros da. **Os desafios do professor no trabalho com a leitura e a escrita no 5º ano do ensino fundamental**. João Pessoa-PB, 2014.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Letramento: como definir, como avaliar, como medir**. In: SOARES, M. (Org.). **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2ª edição. Autêntica, 2004.

SOUZA, Salete Eduardo de. **O uso de Recursos didáticos no Ensino escolar**. Maringá-PR, 2007.

VAL, Maria da Graça Costa. **O que é ser alfabetizado e letrado?** 2004. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). **Práticas de Leitura e Escrita**. 1. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

VAZ, Isabel Lopes. **A prática Pictórica na Arte Educação.** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/a-pratica-pictorica-na-arte-educacao/58541>> Acesso em: 15 out. 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZORZI, J. L. **Consciência fonológica, fases de construção da escrita de seqüência de apropriação da ortografia do português.** Em MARCHESAN, I. e ZORZI, J.L. (org.) Anuário CEFAC de Fonoaudiologia. Rio de Janeiro. Editora Revinter, 91 – 118, 2000